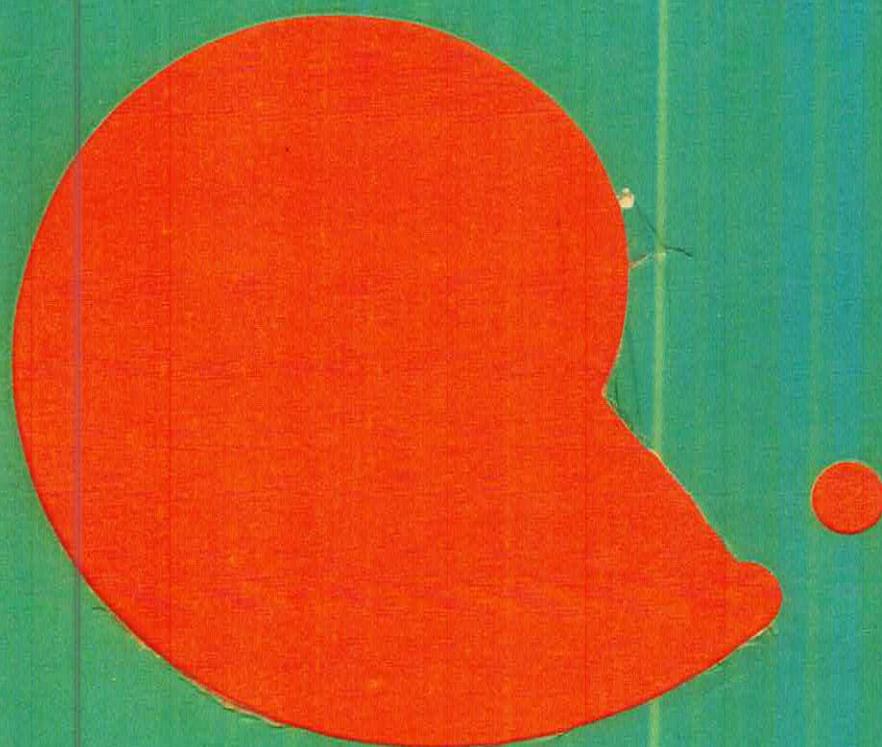


Mario Sergio Cortella

EDUCAÇÃO, ESCOLA
E DOCÊNCIA

novos tempos, novas atitudes



CAPÍTULO 4

Humildade pedagógica e competência coletiva

O pensador grego Sócrates, entre muitas coisas boas, também é conhecido por expressar algo que deve fazer parte do nosso perfil no século XXI. Ele disse: “Só sei que nada sei”.

Sócrates não era tonto. Ele não disse essa frase para afirmar que nada sabia. Porque nada saber significaria fingir modéstia. Sócrates era conhecido, no século V, como “o mais sábio dos atenienses”. Quando Sócrates dizia “só sei que nada sei”, estava querendo dizer “só sei que nada sei por inteiro”, “só sei que nada sei por completo”, “só sei que nada sei que só eu saiba”, “só sei que nada sei que o outro não saiba”, “só sei que nada sei o que o outro não possa vir a saber”. No fundo, Sócrates estava fazendo uma demonstração de humildade. Por isso, uma das qualidades para o nosso perfil na Educação Escolar no século XXI é humildade.

Só é um bom ensinante quem for um bom aprendente. Um paradigma especial que um educador ou educadora precisa observar é *humildade pedagógica*.

A principal característica da humildade pedagógica é a noção de que alguém sabe coisas, mas não as sabe todas, e que outro as sabe. Sabe outras, mas também não sabe tudo. Só a possibilidade de estruturar uma conexão entre as pessoas pode gerar, de fato, um conhecimento que seja coletivamente significativo. A humildade pedagógica é, portanto, a qualidade essencial de alguém que se disponha a educar, porque só quem é permeável a ser educado pode também educar. A humildade pedagógica corresponde a um comportamento que é a permeabilidade intereducativa. Tem que ser permeável ao aprendizado contínuo e ao ensino contínuo, afinal de contas, não se pode confundir Educação com escolarização. A Escola é um pedaço da Educação, e não se pode imaginar que Educação é algo que se encaixe em um período de tempo determinado. Não existe ninguém qualificado, nós estamos todos em situação de qualificantes o tempo todo.

Em última instância, somos todos amadores, no duplo sentido que a palavra carrega. Quer dizer que nós nunca estamos prontos dentro da nossa atividade, e que também precisamos ter amorosidade nessa relação. O que pode nos acontecer de pior no século XXI? É perdermos a condição de amorosidade. Mas não basta ter amorosidade para lidar no meio de Educação. Seja pai, mãe, professor, professora, responsável. É preciso ter uma amorosidade competente, porque uma amorosidade sem competência é mera boa intenção.

Nesse sentido, nós somos profissionais amadores, e quem não o é, torna-se portador de um risco muito grande na área de Educação, que é a arrogância. A arrogância, e retomo o que antes escrevi, é a suposição daquele que acha que já sabe, daquele que acha que já conhece e especialmente daquele que não tem dúvidas. É muito peri-

goso não ter dúvidas, é um sinal não só de idiotice, como também de arrogância.

Para o século XXI, temos de trabalhar muito a ideia de competência. E há aí um obstáculo. A nossa competência tem um prazo de validade menor nesses tempos. Isto é, a velocidade de mudanças das coisas é tamanha, que perdemos competência com igual rapidez.

O escritor carioca Millôr Fernandes dizia uma frase, que tem de servir de lema para nós, educadores, em várias situações: “Se você não tem dúvidas é porque está mal informado”. Isso é uma coisa séria para quem lida com a Educação, com formação de pessoas. O professor ou a professora que se coloque como portador de conhecimento indubitável é alguém que está na área equivocada.

Afinal de contas, nós lidamos com vida, e vida é processo e processo é mudança. Portanto, certezas são provisórias, com relações absolutamente temporais, dentro da nossa atividade.

Há uma frase antiga que diz: “A minha competência acaba quando começa a do outro”. Isso valia até 20 anos atrás. Hoje não há mais a ideia de uma competência exclusivamente individual, a atual noção de competência tem um nível mais aberto e mais coletivo. O que é competência coletiva? A noção de que a minha competência acaba quando acaba a do outro. Num grupo, numa escola, numa instituição, se você perde competência, eu perco. Se você aumenta a sua competência, eu aumento a minha também.

O trabalho de Educação é coletivo, é feito com as pessoas. É esse ato coletivo que nos coloca o imperativo de nos desenvolvermos coletivamente também. E, para isso, é preciso acreditar em dois grandes princípios: *Quem sabe reparte e quem não sabe procura!* Porque se aquele que sabe, não repartir, enfraquece aos outros e a si mesmo.

E se aquele que não sabe não procurar, enfraquece a si mesmo e o local onde está. Nessa hora, a noção de parceria fica fortalecida.

Há um ditado africano de que gosto muito: “Se quiser ir apenas rápido, vá sozinho. Se quiser ir também longe, vá com alguém”. E se queremos ir longe no século XXI, temos de ir com pessoas que conosco partilhem capacidades e competências, e tragam para nós humildade como sendo um valor de preservação de princípios éticos, para não implantarmos a ideia malévola de que “fazemos qualquer negócio”. E, especialmente, colocarmos em prática algo decisivo, que é repartir o que se sabe.

O historiador britânico Beda, do século VII, chamado pelos anglicanos e católicos de São Beda, disse algo que nos ajuda a pensar grandes virtudes para o século XXI: “Há três caminhos para o fracasso: não ensinar o que se sabe; não praticar o que se ensina; e não perguntar o que se ignora”.

Só para ajudar a fixar o conceito, vamos inverter. Há três caminhos para o sucesso: ensinar o que se sabe, ou seja, generosidade mental. Segundo: praticar o que se ensina, isto é, coerência ética. Terceiro: perguntar o que se ignora, ou seja, humildade intelectual.

Essas três grandes virtudes precisam compor o século XXI em Educação. Tião Rocha, grande educador, antropólogo, de Ouro Preto (MG), chama a Escola formal de “Escola formol”, porque ela conserva alguns cadáveres. E esses cadáveres precisam ser sepultados e nós temos de ser capazes de fazer o que precisa ser feito, com decisões boas, que não sejam baseadas na mera novidade, mas que busquem o novo, com o olho na História.

Outro ponto decisivo nessa discussão é a nossa capacidade de construção de valores éticos, de solidariedade, de fraternidade, de ma-

neira a evitar o apodrecimento da esperança, a esterilização dos nossos futuros, a desertificação da nossa humanidade.

O filósofo francês Voltaire que é, dentro do Iluminismo, uma das forças mais intrigantes do século XVIII, tem uma frase sagaz, embora mal interpretada em alguns momentos: “Deus é contra a guerra, mas fica ao lado de quem atira bem”. O que significa atirar bem? Não significa atirar bem para prejudicar o outro, mas é preparar a competência; e competência não é gerada espontaneamente ou cai dos céus. Aliás, em Educação, nós temos um risco muito grande: imaginar que só boa vontade pode ser suficiente. É muito comum perguntar a alguém:

— Por que você dá aula, por que você é educador?

— Ah, porque eu gosto de criança.

Gostar é um ato fundamental para poder fazer, mas, para poder fazer bem e, portanto, respeitar aquele com quem você lida, é preciso desenvolver competência. E essa competência — é necessário insistir nisso — não acontece isoladamente, mas, sim, numa construção coletiva.